

O teorema de Brecht

É uma coisa estranha o caráter nacional brasileiro, por mais perigoso que seja esse tipo de generalização. Por isso vamos nos concentrar em alguns dos seus aspectos, sem pretensões de ir muito longe.

Costumamos pendular entre o derrotismo e o triunfalismo. Ora nos consideramos os maiores, ora os menores, quando na realidade o Brasil é um dos países do futuro, assim mesmo no plural, em vez do singular lisonjeiro, proposto por Stefan Zweig em livro outrora célebre.

Em nível político, isto se expressa em furores demotônicos e ressacas autoritárias, entremeados por longos períodos de apatia. Agora, por exemplo, vivemos uma tal calma misturada com desconfiança.

O presidente Figueiredo vem enfrentando notórias resistências dos setores que temem um retorno à caótica situação anterior. Ele tem conseguido muito, num período de tempo que se julgava impossível. Mas o que se vê como resposta das chamadas elites ou quadros políticos? Uma desconfiança maciça, que não vacila em acusar de adesista quem vê com esperança o futuro, como Leonel Brizola.

Enquanto isto, o tempo vai passando.

Walter Bagehot, em clássica análise da Constituição inglesa que muito influenciou Joaquim Nabuco, dizia que uma das funções principais do Parlamento era a educativa, querendo referir-se à sua necessidade de apostolado democrático.

De fato, só o Legislativo dá, em última instância, a chancela da democracia a qualquer sistema político.

Entre nós, ele perdeu muitas das suas prerrogativas, por não saber defender-se de si mesmo, antes de defender-se do Executivo. A saber: deixou-se dividir além do seu limite de coesão interna, com seus representantes indo ao ponto, às vezes, de defender o golpe de estado. Próceres destacados da vida nacional meteram-se até nos quartéis, em incansáveis pregações provocadoras.

O resultado terminou se vendo e seus efeitos ainda hoje perduram.

E quando uma nova geração de líderes castrenses principia a considerar cumprida sua missão, reluta a nova geração dos líderes políticos, mais que certos velhos, em aceitar a possibilidade de novos rumos.

Por que não olham em redor o Continente?

No Uruguai, as autoridades dominantes propõem um plano ainda mais complicado, querendo manter intacto o aparato autoritário do Estado, inclusive sem anistia, ao mesmo tempo que permite liberdades adjetivas.

E a Argentina?

Traumatizada de tantas aberturas, seguidas de fechamentos, ela se divide inclusive na cúpula do sistema quanto a questões econômicas, quanto mais as políticas.

Entre nós, o gradualismo vem-se comprovando o mais seguro caminho.

Os candidatos às eleições de governador, mais inteligentes ou confiantes, já se dedicam intensamente às suas bases. Vão surgir muitas lideranças novas, e o povo exercerá um AI-5 muito mais severo e profundo. Não faltará quem gaste em vão fortunas para objetivos eleitoreiros.

Afonso Arinos de Mello Franco, em recente conferência no Rio de Janeiro, registrava que o eleitor pouco errou na história recente do Brasil. Os errados foram geralmente os eleitos.

O caso-limite de Jânio Quadros exhibe-se em todo seu extremo: equivocaram-se os votantes, ao crerem na sua palavra, ou foi ele quem os decepcionou em eio a uma confusa manobra, continuando a espera de explicações satisfatórias?

O povo dirá o que pensa disto em breve.

E assim por diante.

Quanto aos partidos, nem é bom falar.

Reconheceu Afonso Arinos a contradição entre programas e plataformas, de um lado, sempre renovados para atrair sufrágios, e as realidades frustrantes da ação dos eleitos.

Parodiando Brecht, se o Estado não gosta da sociedade, por que não a substitui?... Quando o queue vai terminar acontecendo é, um dia de modo talvez dramático, as novas gerações, industrializadas e urbanizadas, se não marginalizadas, lançarem fora esta epiderme parasitária.

Recente pesquisa, por uma revista de São Paulo, mostrava que a maioria dos empresários prefere um governo de cunho liberal, político e não só econômico. Mas onde estão os políticos aptos à mediação entre esta e outras classes sociais? Queixam-se quando um deles se precipita sozinho na seara. Que os descontentes respondam à altura, democraticamente disputando palmo a palmo esse e outros terrenos. O que não se pode é ficar vociferando na beira da calçada, vendo a banda passar, mesmo demagógica.

As elites parecem preferir que o povo resolva por si só. O que, ao acontecer, implicará necessariamente a substituição dos atuais quadros por outros.

A nossa sorte, no momento, é que os ajatolás brasileiros, por assim dizer, o clero católico, têm muita experiência local e contatos internacionais, afastando a possibilidade do seu aventureirismo suicida. Mas a própria Igreja pode desgastar-se, se também esperar demasiado pela chamada classe política.

Bem dizia o sempre lembrado San Tiago Dantas: no Brasil, o povo, enquanto povo, é melhor que as elites enquanto elites. Ele cumpre o seu papel, elas em geral não.